

### 3.14 MIROBRIGA (SANTIAGO DO CACÉM, PORTUGAL)

JOSÉ CARLOS QUARESMA\*, CATARINA FELÍCIO\*\*, FILIPE SOUSA\*\*\*, ANDRÉ GADANHO\*\*\*\*,  
RAQUEL GUIMARÃES\*\*\*\*\* , RODRIGO BANHA DA SILVA\*\*\*\*\*

#### 1. INTRODUÇÃO

Em *Mirobriga*, apesar de não serem ainda conhecidos os limites da cidade, detemos, neste momento, um conhecimento relativamente conciso acerca da sua morfologia e dinâmica urbanística. A sua localização, em topografia acidentada, herdada de um antigo povoado indígena, não apresenta as canónicas características de implantação de aglomerados urbanos de tradição romana, não conferindo muitas possibilidades relativamente ao traçado de eixos viários ou implantação de edifícios, que, em muitos casos, se implantaram em socalco ou contra pendentes de colinas. Os edifícios habitacionais não são excepção, encontrando-se, na sua maioria, dispersos pelas diversas colinas da cidade, criando um urbanismo esparso (Figura 1).

Dos edifícios cuja função primordial era, indubitavelmente, habitacional, estes correspondem, na sua quase totalidade a casas de *peristylum*, apenas com excepção da chamada «Casa da *Insula*» (Figura 1, edifício G), sendo que, no caso do edifício conhecido como «Casa do Fresco» (Figura 1, edifício F), a sua escavação parcial não permite compreender em que tipologia se inserirá. Falamos, contudo, no caso mirobriguense, de uma arquitectura residencial eminentemente compartimentada, com módulos de pequena dimensão e arquitectura simples (Teichner 2006), com excepções como a da “Casa da Hospedaria” (Figura 1, edifício E), escavada nas campanhas de Fernando de Almeida da década de 1960 e na qual ainda se pode observar frescos do terceiro ou quarto estilo pompeiano – em torno ao terceiro quartel do século I d.C. (Biers, Biers e Soren 1982). Aliás, outros frescos, mas datáveis a partir do século II d.C., são também observáveis na Casa do Fresco (Rosário, Duarte e Maciel 2002) (Figura 1, edifício F), que se integra na última fase de crescimento da cidade romana, na primeira metade do século II d.C., no lado sul do *decumanus maximus* ocidental (Quaresma 2012: 33) (Figura 1).

O estudo dos edifícios habitacionais de *Mirobriga* recebeu um forte incremento na primeira década dos anos 2000, quando a escavações de Filomena Barata (logo após a saída de uma monografia respeitante ao urbanismo: Barata 1997) incidiram nas construções 1, 2 e 3 (=Casa da Calçada), originando uma série de

---

\* NOVA/FCSH. IEM-Instituto de Estudos Medievais. josecarlosquaresma@gmail.com  
\*\* catarina.m.felicio@gmail.com  
\*\*\* filipe.alb.sousa@gmail.com  
\*\*\*\* andre\_gadanho@hotmail.com  
\*\*\*\*\* ras.guimaraes95@gmail.com  
\*\*\*\*\* NOVA/FCSH. CHAM-Centro de Humanidades. rodrigobanhadasilva@gmail.com

trabalhos articulares (Barata 1999; Quaresma 1999) e um desenvolvimento parcial em estudos monográficos que apresentaram a planta e o diagrama estratigráfico faseado para as Construções nºs 1 e 2 (Quaresma 2003, Quaresma 2012) (Figura 1D, K e L).

Muito recentemente, a publicação dos resultados do projecto da Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt (Teichner 2018) permitiu a identificação de três novas habitações e a realocização de uma quarta (Kopf 2018a, 2018b; Oberhofer 2018a, 2018b), tendo sido realizada uma síntese comparativa dos mesmos, de forma a caracterizar esta tipologia de edifício na cidade (Cortés 2018) (Figura 1C, H, I e J); e com a elaboração de uma dissertação de mestrado dedicada à Construção nº 3 / Casa da Calçada (Sousa 2018) (Figura 1D).

No presente artigo procuraremos discutir sintecticamente dois casos da área habitacional de *Mirobriga* situada na “franja” ocidental da mesma, escavados nos anos 1990 por Filomena Barata (embora no segundo caso com escavação parcial nos anos de 1960, por Fernando de Almeida). Primeiro, a Construção nº 3 / Casa da Calçada (Figura 1D), uma típica *domus* de peristilo, com *taberna* acoplada, situada na Via I, apresentada sumariamente num primeiro esforço (Barata 1999, Quaresma 2003, Quaresma 2012) e objecto recente de uma tese de mestrado já referida (Sousa 2018). Em segundo lugar, a Construção nº 1 (Figura 1K), localizada a menos de uma centena de metros da anterior, na encosta do actual centro

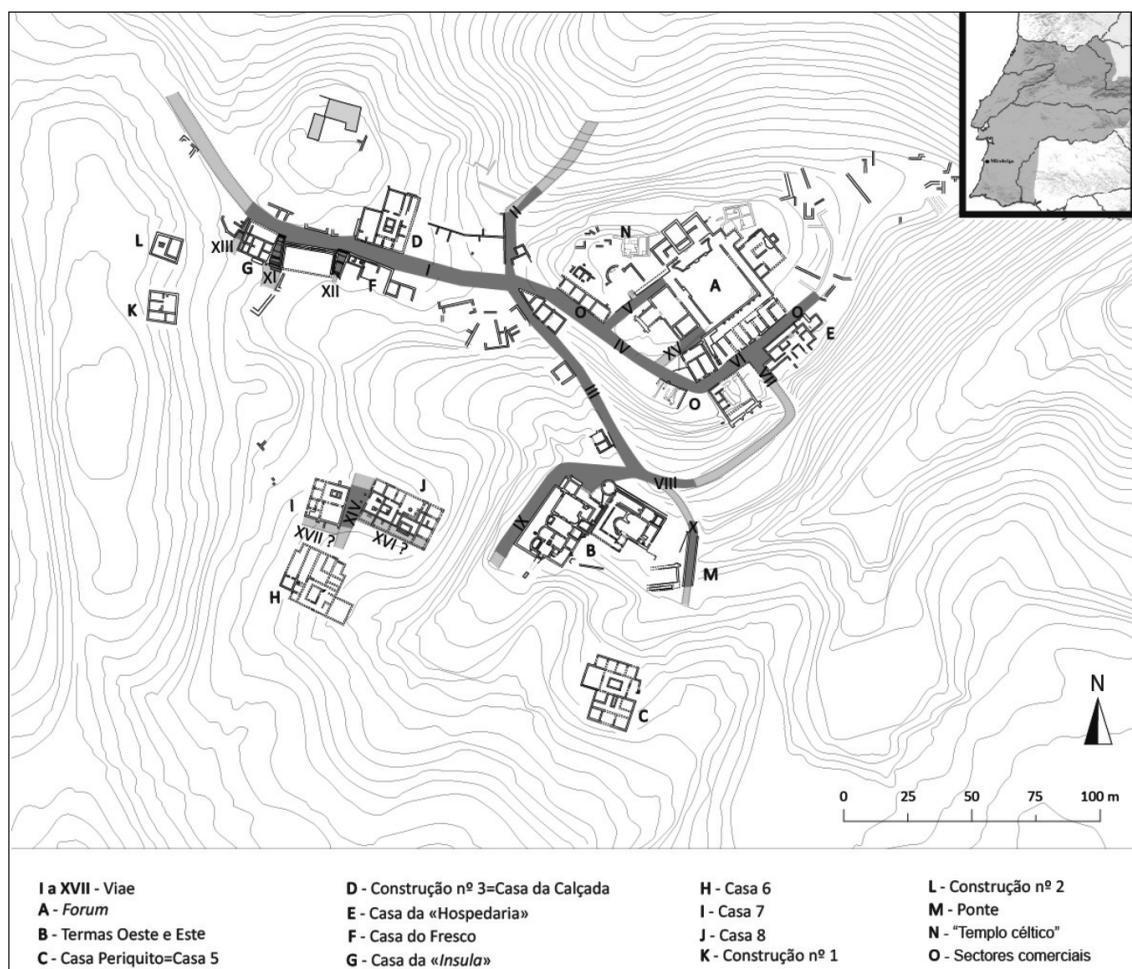


Figura 1. Planta de *Mirobriga* e sua localização no seio da *Lusitania* romana.

interpretativo. Esta encosta revela até ao momento dois possíveis casos de arquitectura residencial *sui generis*. A Construção nº 1 apresenta várias fases arquitectónicas, alto e baixo-imperiais, para uma das quais discutiremos uma hipótese paleo-climática em torno ao final do século III d.C. (Quaresma 2003, Quaresma 2012). Sobre ela apresentaremos também uma hipótese interpretativa mais recente que discute possíveis funções artesanais, pelo menos em parte da sua cronologia (Felicio 2019).

A construção nº 2 (Figura 1L), por razões de economia de espaço, não é aqui discutida, mas apresenta-se, em face da sua morfologia extraordinária, como uma possível transposição de um modelo habitacional indígena para o mundo romano imperial. Até ao século I d.C., sobreviveu uma parte do povoado sidérico arrasado pelo *forum* romano. Desse bairro indígena, o chamado “templo céltico” (Biers, Slane e Soren 1983) será uma muito provável habitação (Fabião 1998), cujo modelo terá sido transposto, em volta do terceiro quartel do século I d.C., com tecnologia constructiva tipicamente romana (alvenaria e *opus signinum*), para uma zona lateral ocidental da cidade alto-imperial (Quaresma 2012) (Figura 1). Por outro lado, a existência de um complexo sistema de canalizações neste edifício autoriza também uma interpretação de cariz oficial (Felicio 2019).

## 2. ARQUITECTURA

### MIROBRIGA 1: CONSTRUÇÃO Nº3/CASA DA CALÇADA

A Construção 3/Casa da Calçada (Figuras 1 e 2) situa-se no lado norte da Via I, consistindo numa casa de *peristylum*, apresentando a conformação planimétrica que se torna característica a partir dos meados do século I d.C., de planta axializada, com eixo *vestibulum/peristylum/triclinium* (Beltrán 2003: 29-34), encontrando-se as dependências privadas e de acesso público situadas em redor do *peristylum*. O edifício possui ainda um espaço comercial ou oficial, o ambiente 1, sem ligação directa à parte habitacional. A cronologia de construção do edifício é sugerida por um contexto de desagregação ou destruição do pavimento em *opus signinum* do *ambulatorium*, tendo sido avançada uma cronologia provável de construção situada entre as últimas duas décadas do século I e a primeira década do século II d.C. (Sousa 2018: 28-29, 39-40), proposta que vai ao encontro das cronologias publicadas por Julia Kopf (2018a, 2018b) e Karl Oberhofer (2018a, 2018b), relativamente ao estudo de quatro edifícios domésticos de *Mirobriga*, cuja construção os autores apontam para a época flávia.

O edifício implanta-se directamente sobre o maciço geológico, no caso, xisto folheado, tendo este sido aplanado para a sua implantação. Após esta actividade de regularização, o plano do edifício terá sido transposto para o terreno. A análise métrica do edifício permitiu estabelecer uma proposta para a forma como este teria sido concebido, tendo sido identificada uma modulação com base numa grelha de quadrados de sete pés, situação que se poderá repercutir em outros edifícios de *Mirobriga*, com base nas medições preliminares realizadas (Sousa 2018: 100-101).

Foram identificadas reformulações no edifício, divididas em quatro grupos, correspondentes à fase original e subsequentes remodelações. Consistindo duas delas em ampliações do espaço comercial/oficial identificado no extremo oeste do edifício, datadas entre 120-150 e 150-250 d.C. (?), respectivamente; e a última a uma reconfiguração *quasi* integral do edifício, que se encontraria semiarruinado, datável da segunda metade do século III d.C.. Os alçados encontram-se construídos em *opus incertum*, utilizando pedra pouco afeiçãoada e ligada por argamassa de cal e areia bastante consistente, verificando-se a aplicação da técnica das jornadas ou cintas, visível nomeadamente nos alçados da segunda e terceira fases, sendo que a primeira não possui altura conservada que permita o diagnóstico (Sousa 2018: 43-61, 69).

Apesar de admitirmos a hipótese de a casa ter tido as paredes revestidas por pintura a fresco, não existe de momento qualquer evidência material. Todavia, a existência de um revestimento em reboco estucado conservado no ambiente 7, a um nível que ainda não foi escavado, poderá revelar-se o único vestígio desta técnica e que apenas a conclusão da escavação deste compartimento poderá demonstrar. Quanto aos pavimentos, pelo menos na parte habitacional, e de acordo com os vestígios identificados, estes seriam em *opus signinum*.

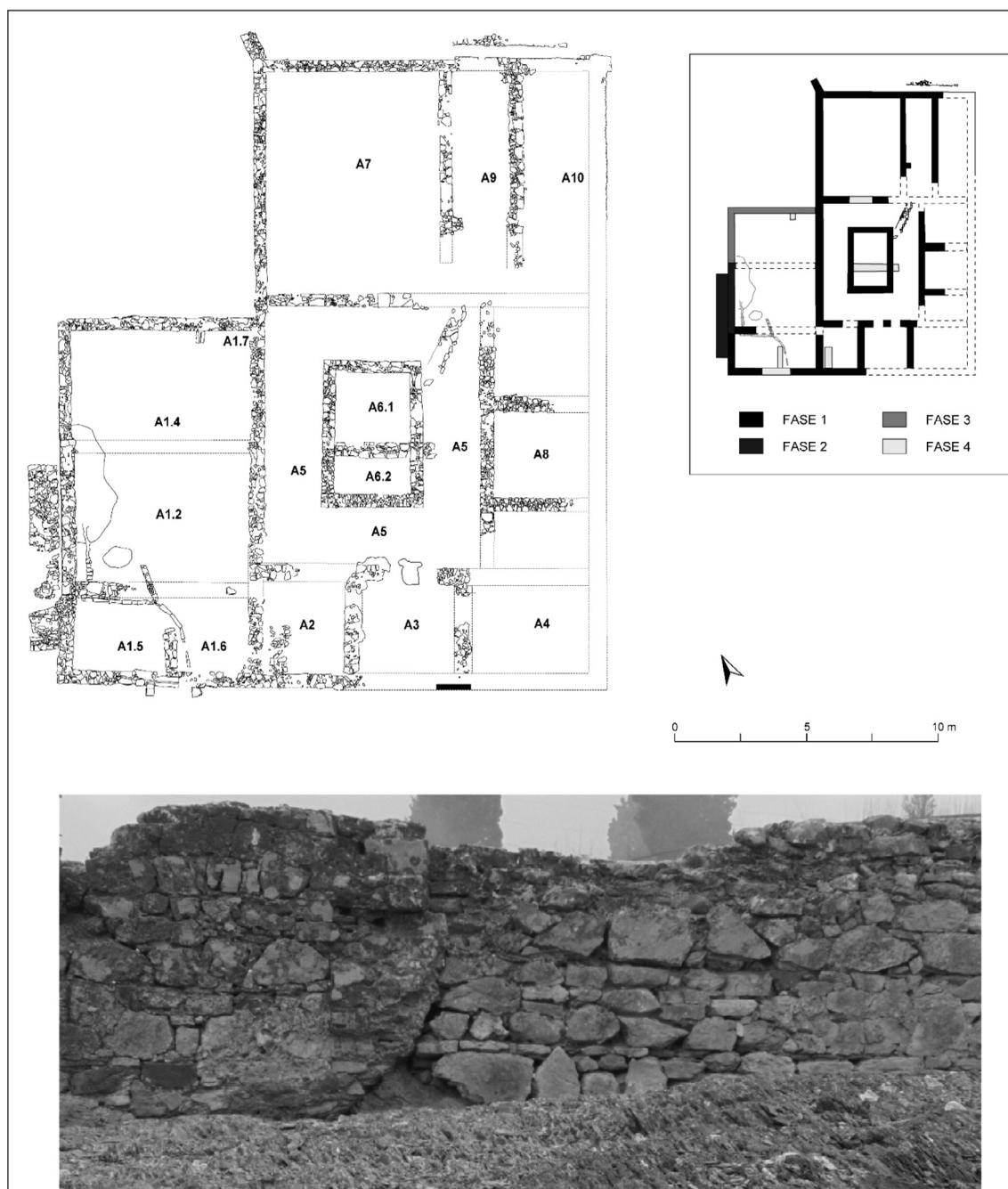


Figura 2. Fases construtivas da Construção 3/Casa da Calçada e pormenor da técnica construtiva do alçado interior do muro ocidental do ambiente A1.2 (adaptado de Sousa 2018).

Aquando ou após a segunda reformulação do espaço comercial, que terá tido lugar entre a segunda metade do século I e a primeira do século II d.C., foi adicionado um segundo piso sobre o espaço comercial/oficinal, que também sofreu alterações nesse período. Com base nas transformações detectadas, nomeadamente a instalação de duas estruturas hidráulicas associáveis a tanques, ter-se-á passado a realizar no espaço uma actividade possivelmente relacionada com o manuseio de têxteis, quiçá uma *fullonica* ou estabelecimento similar (Sousa 2018: 56-60, 99-100).

Num momento não determinado na primeira metade do século III d.C., o edifício deverá ter sido abandonado, apresentando o ambiente 7 indícios de ter ruído neste período. Na segunda metade da centúria, sofreu profundas remodelações, sendo anulado o *peristylum* e reconfigurada a zona sul do edifício, evidenciando um corte definitivo com o edificado anterior. Esta última fase construtiva, cujas características funcionais e ocupacionais não foram possíveis de determinar, terá terminado algures no segundo quartel do século IV d.C. (Sousa 2018: 40, 60-63).

## MIROBRIGA 2: CONSTRUÇÃO Nº1

### HIPÓTESE A: *DOMUS*

O edifício foi interpretado como uma residência modesta (Barata 1999), tendo sido avançada uma proposta funcional para cada um dos ambientes (Quaresma 2003; Quaresma 2012). A identificação de uma canalização no ambiente 4, com a função de escoar águas pluviais, levou à interpretação inicial do mesmo como tratando-se de um pátio, tendo a função dos restantes ambientes sido proposta com base na sua posição em relação ao ambiente 4, procurando estabelecer uma relação entre as divisões normalmente encontradas numa *domus* com cada um destes ambientes. Assim, foi proposta a função de cozinha para o ambiente 7; de *tablinum* para o ambiente 6 e de *cubiculum* para os ambientes 3 e 5 (Quaresma 2003: 46). A *domus* possui duas fases, essencialmente diagnosticadas na transformação arquitectónica ocorrida no ambiente 4 (pátio), que faria a ligação a todos os restantes ambientes, com excepção do ambiente 3.

### Fase I (50/75 d.C.-c.300 d.C.)

Nesta fase, o pátio seria uma divisão ao ar-livre, com dreno circundante escavado na rocha, servido de cifões no lado sul. Ao contrário do dreno norte do ambiente 7, que segue sem interrupção para o ambiente 6, de onde escoará para fora do edifício, aproveitando a pendente da encosta, o dreno do ambiente 4 revela uma ligação manifestamente insuficiente para o ambiente 6, feita em dois pontos, onde a depressão da rocha quase desaparece: a partir dos cantos SE (sob o muro divisório) e NE (vão de passagem). Esta irregularidade seria compensada por dois factores: os referidos cifões do ambiente 4 e a permeabilidade do xisto folheado (durante a campanha de escavação foi possível observar o brotar nascente de água na rocha destapada da encosta, durante os períodos chuvosos). Este sistema de drenagem da casa deveria estar coberto por tabuado de madeira, do qual não há naturalmente nenhum indício.

### Fase II (c.300-c.350 d.C.)

Em torno à transição para o século IV d.C. o sistema de drenagem do pátio e da cozinha são amortizados em simultâneo, encontrando-se um enchimento homogéneo nos segmentos de dreno dos ambientes 4, 7 e 6. Nos ambientes 4 e 6, o dreno encontra-se selado por pavimento de lajes amorfas sedimentares, as quais não foram encontradas sobre o dreno do ambiente 7. O sedimento de amortização deste último continha porém um fragmento de Hayes 58B em *terra sigillata* africana D1, que data a amortização do sistema em 300 d.C. (Quaresma 2012; Hayes 1972). No canto SE do pátio, agora fechado,

deixando de fornecer luz aos restantes compartimentos, foi construído uma pequena estrutura quadrada, em alvenaria, cuja função hipotética poderá ser a de um *lararium*.

Avançámos, em outros textos, uma explicação paleo-climática para a transição arquitectónica verificada na construção nº 1 (Quaresma 2003 e sobretudo Quaresma 2012 e Quaresma 2008). Os estudos geológicos ainda em curso pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa na Lagoa de Santo André, muito perto assim de *Mirobriga*, datam a transição do mini-interglaciar denominado *Roman Warm Period* para o mini-glaciar denominado *Dark Ages Cold Period*, em torno a 270 d.C. (informação

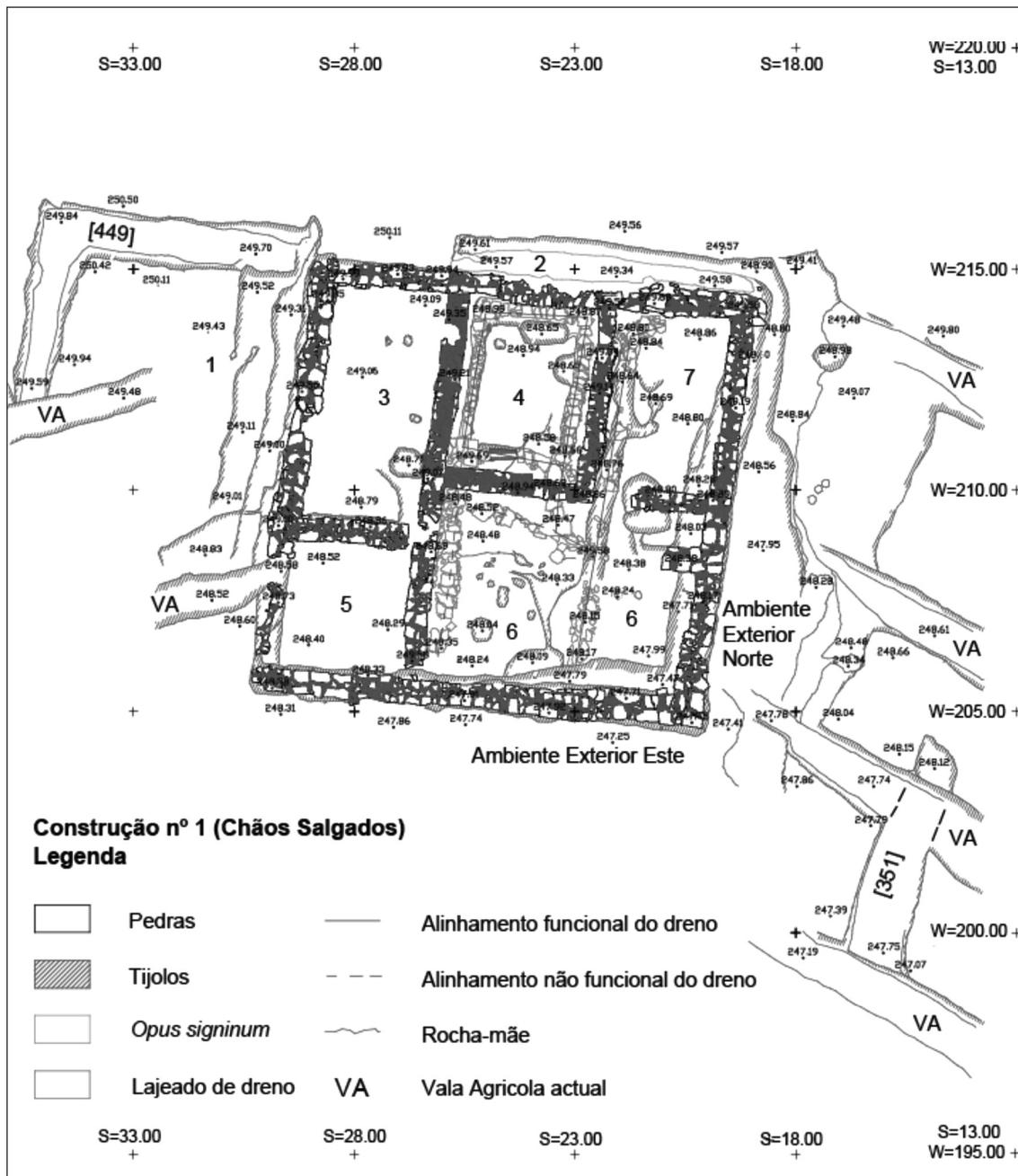


Figura 3. Planta da construção nº 1 (Quaresma 2012).

partilhada pelos Professores César Andrade e Conceição Freitas), com paralelo exacto em *Tablas de Daimiel*, na região da Mancha (Quaresma 2012). Na mesma cronologia de último quartel do século III d.C., a *villa* da Quinta da Bolacha, na península de Lisboa, sofre uma transformação idêntica à da construção nº 1 de *Mirobriga*: o pátio é encerrado e transformado em cozinha (Quaresma 2017). Temos assim o que parece ser um quadro de alterações climáticas que terão provocado adaptações humanas, as quais, por sua vez, se reflectem na cobertura de pátios abertos e conseqüente abandono do modelo mediterrânico de habitação. Mas a própria Construção nº 2 de *Mirobriga* sofre nesta época a amortização dos espaços abertos interiores, mantendo-se em funcionamento tão-só o compartimento correspondente ao seu ambiente D (o único com cobertura), também ele o mais nobre, com pavimento em *opus signinum* e sobre o qual se registou uma homogênea macha de derrube de telhado em *imbrex* (Quaresma 2012).

#### HIPÓTESE B: OFFICINA

Uma reanálise do edifício, com vista a estudar as canalizações nele existentes (Felício 2019), avançou uma nova hipótese interpretativa para o mesmo, uma vez que o funcionamento das canalizações do edifício não se encontrava suficientemente esclarecida pela hipótese anterior, não estando completamente comprovado que a canalização do ambiente 4 servisse para o escoamento de águas pluviais. Com efeito, o escoamento dos pátios identificados na cidade é feito mediante um orifício situado no muro estilóbato, sendo a recolha das águas efectuada por meio de uma superfície impermeabilizada em *opus signinum*.

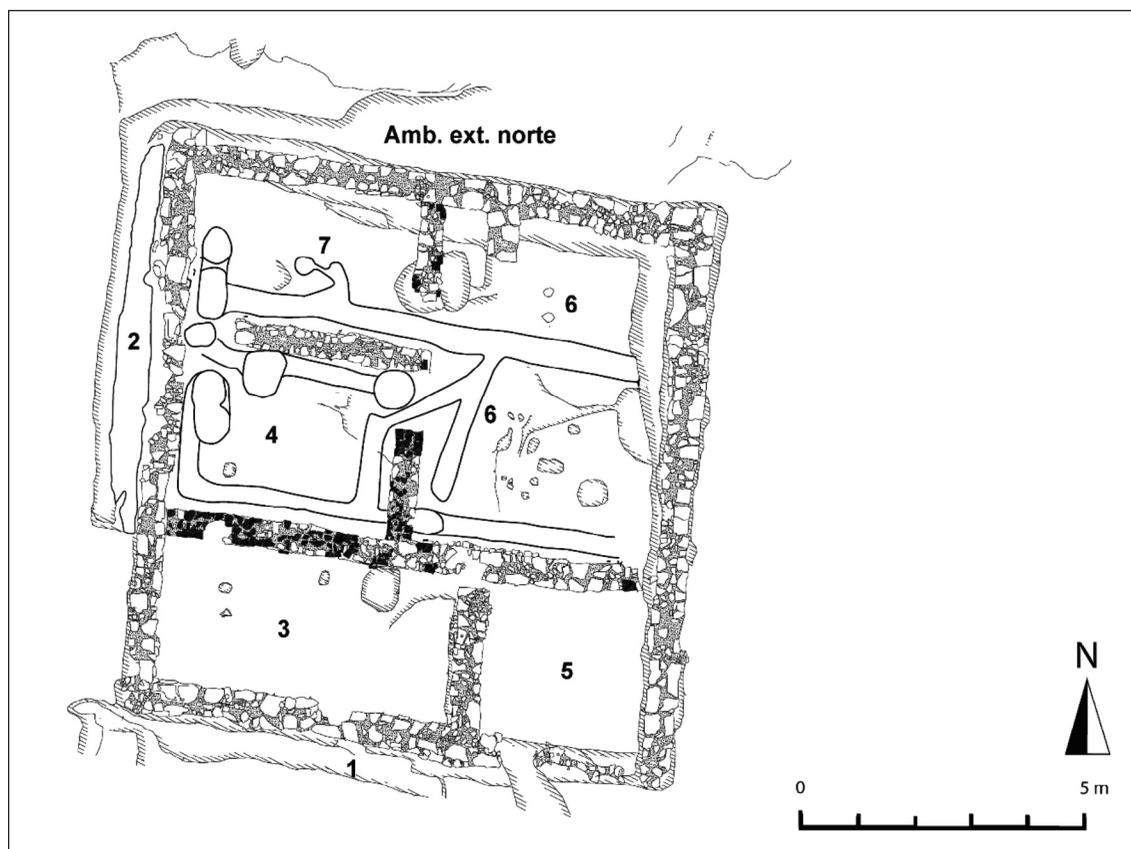


Figura 4. Planta esquemática da construção nº 1 com implantação (linhas pretas) dos drenos internos nos ambientes 4, 6 e 7.

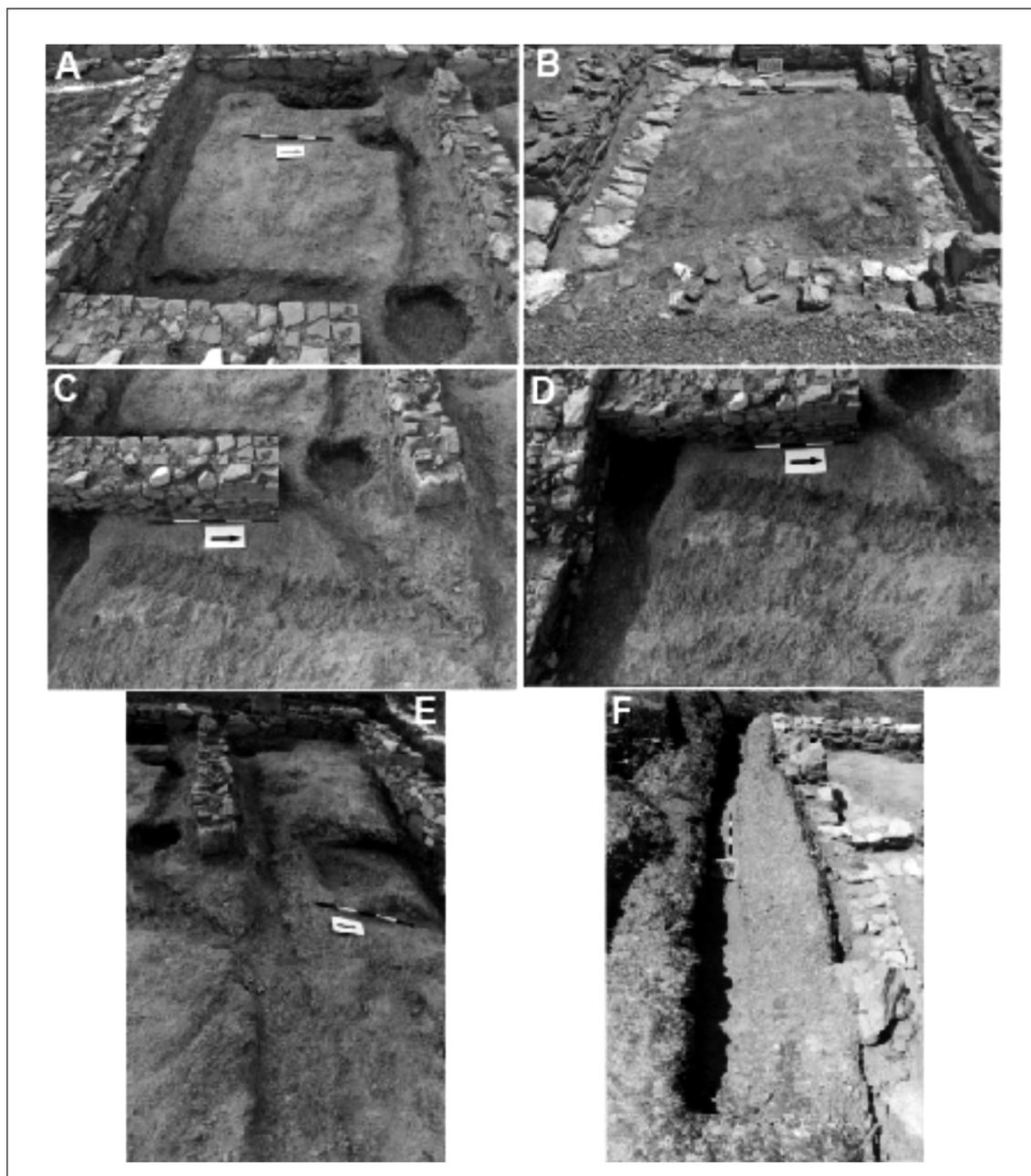


Figura 5. **A** (ambiente 4 – fase I). **B** (ambiente 4 - fase II. Vista inversa à da imagem A. No canto superior direito é possível observar uma possível base de *lararium*). **C** (ambientes 4 e 6 – fase I). **D** (ambiente 6 – fase I). **E** (ambientes 6 e 7 - fase I). **F** (ambiente 2).

A nova proposta prende-se com a existência de mais canalizações, todas escavadas directamente no substrato geológico, cuja hierarquia sugere a existência de duas fases de funcionamento. A canalização do lado sul do ambiente 6 (Figura 5D) terá sido amortizada numa 2<sup>a</sup> fase pela construção de um muro, criando o ambiente 4, e uma nova canalização paralela ao mesmo (Figura 4). Esta nova hipótese propõe que o edifício se trate de um espaço oficial/artesanal, embora não tenha sido possível especificar qual o ramo de actividade, sendo que o escoamento/condução de líquidos ou fluidos teria um papel predominante. A

somar a esta interpretação, junta-se o conjunto de depressões escavadas na rocha, associadas ao sistema de canalizações, que deverão ter tomado parte activa no processo (Felício 2019: 30-34).

O edifício apresenta, nesta hipótese, possivelmente três fases:

- a fundação, apontada para o terceiro quartel do século I d.C. (Quaresma 2012: 54);
- a reformulação do sistema de canalizações, para a qual não existe, ainda, datação;
- e a desactivação total do sistema de canalizações, em torno a 300 d.C. (Quaresma 2012: 55), quando teria ocorrido, igualmente, a divisão dos ambientes 6 e 7 (Felício 2019: 55, 248). Após esta reforma, o edifício teria permanecido em utilização por mais meio-século, desconhecendo-se a sua nova função (Felício 2019: 34).

Em relação a esta hipótese interpretativa, as transformações ocorridas no século III/inícios do IV d.C. neste edifício, apresentam semelhanças com as identificadas na Casa 8 (Oberhofer 2018b: 141-144) e 4ª fase da Casa da Calçada, onde foram identificadas reformulações de carácter disruptivo idênticas e que foram atribuídas a esta mesma cronologia (Oberhofer 2018b: 141-144), podendo ainda ser-lhes associados os diversos entaipamentos e estreitamentos de vãos, até agora sem indicadores cronológicos, verificados em diversos edifícios da cidade (Sousa 2018: 102).

### 3. INSTRUMENTUM DOMESTICUM

No caso da Construção nº 1 (Figura 6), o espólio indica uma fundação em torno ao terceiro quartel do século I d.C. e um abandono definitivo que poderá centrar-se em meados do século IV d.C., não havendo materiais seguramente posteriores que sustentem uma cronologia de vida até inícios do século V d.C..

Quanto aos momentos iniciais, a UE 449, lixeira correspondente ao enchimento de uma vala situada no ambiente 1, e as UEs 458=469, 375 e 376 do denominado ambiente exterior norte, têm cronologias que abrangem o período flávio e a primeira metade do século II d.C. (Figura 3). Os materiais cerâmicos finos destes contextos, já alvo de estudos prévios (Quaresma 2003; Quaresma 2012) são relativamente homogêneos, havendo uma maior frequência de *terra sigillata* hispânica, com uma maior incidência do prato Drag. 15/17 e da taça Drag. 27. Relativamente ao espólio vítreo, sublinham-se os raros exemplares presentes nos contextos citados *supra*, nomeadamente um indivíduo de copo troncocónico do tipo Isings 106 e uma taça de perfil cerâmico, ambas datáveis da segunda metade do século I d.C..

Quanto ao espólio encontrado no interior do edifício, sublinhamos que, ainda que uma grande quantidade de material fino, cerâmico e vítreo, cuja datação se estende desde o século I d.C. até ao IV d.C., tenha sido recolhida no ambiente 6 (Quaresma 2012: 52-56), este provém de unidades posteriores ao uso efectivo do edifício, no qual não foram detectados níveis de circulação taxativos. Deve-se frisar, porém, que o padrão do mobiliário deste edifício, rico em cerâmica fina e cerâmica comum e mais escassos em ânforas, se enquadra num uso habitacional. Mais ainda, os ambientes 3 e 5, classificados como *cubicula*, são os que possuem claramente um espólio mais escasso.

Por outro lado, a frequência amiúde de escória de ferro ou cobre, é comum no interior e exterior dos edifícios 1, 2 e 3, não havendo qualquer esclarecimento, por ora, sobre actividades metalúrgicas que poderão existir no topo da encosta do cento interpretativo, imediatamente a Oeste dos edifícios 1 e 2, nem em que período se realizaram. Nesta localização concorre o facto de a Norte da Construção nº 2, uma vala escavada na rocha, preenchida pela UE 351, ser rica em escória (Figura 3).

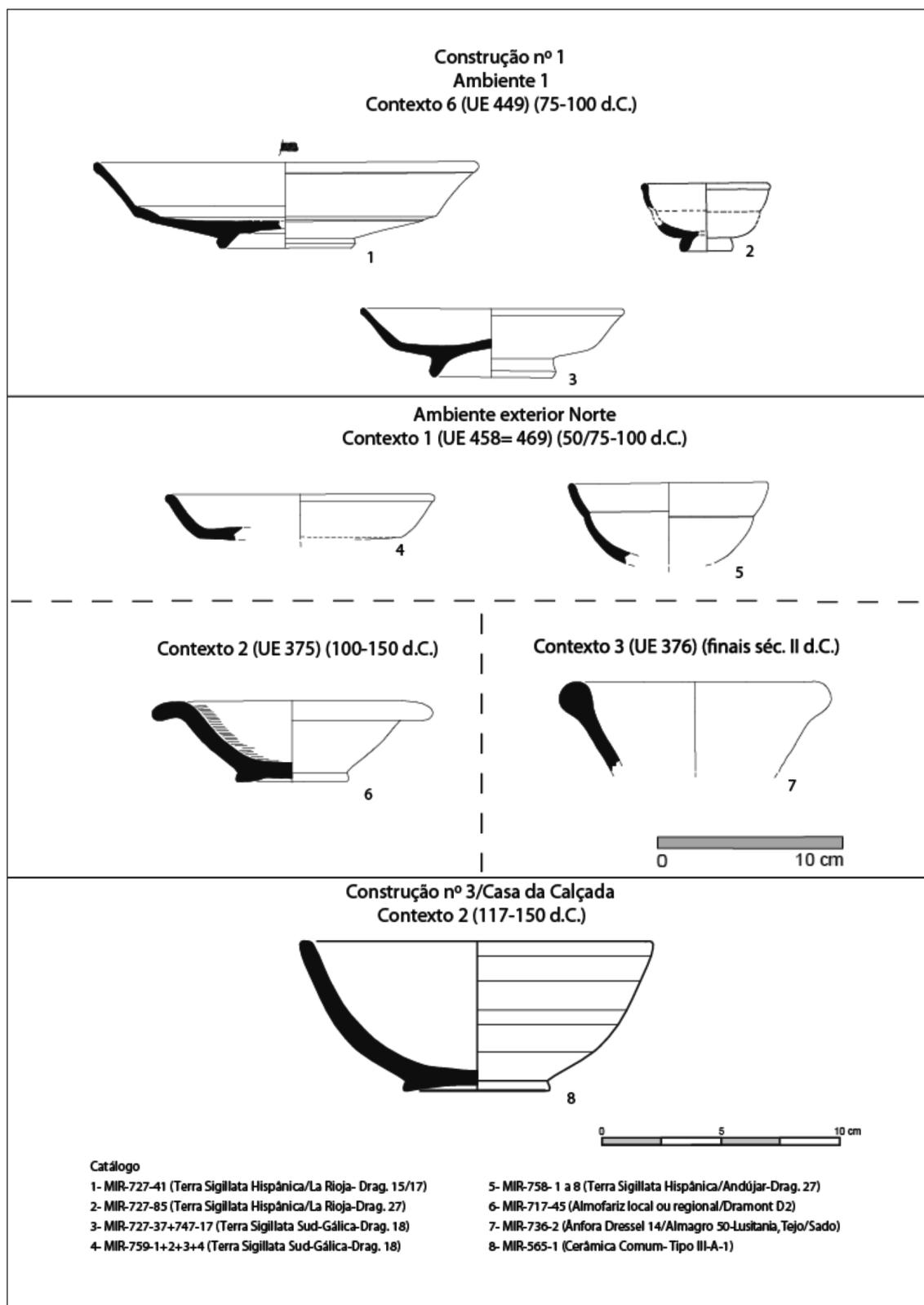


Figura 6. Espólio da construção nº 1 e construção nº 3/Casa da Calçada (Quaresma 2012; Barata 1999; Sousa 2018).

Na Construção nº 3/Casa da Calçada (Figura 6) existe, naturalmente, uma prevalência de materiais cerâmicos e vítreos. Possui um espólio bastante mais reduzido, com materiais cronologicamente inseríveis entre meados do século I d.C. e o primeiro terço do século VI d.C.. Porém, o fragmento de *terra sigillata* foceense tardia do tipo Hayes 3H (primeira metade do século VI d.C.: Hayes 1972) que sustenta uma ocupação posterior ao século IV d.C. está em clara posição estratigráfica posterior ao abandono do edifício.

De entre os objectos atribuíveis à utilização do edifício, destacamos a identificação de um depósito votivo, consistindo numa tigela em cerâmica comum (Barata 1999: 56-57; Sousa 2018: 18, 29), cuja tipologia deverá datar de meados do séc. I d.C. a meados do II d.C. (Pinto 2003: 220-225), encontrado numa concavidade escavada no substrato geológico do espaço comercial/oficinal do edifício. A peça, colocada de forma invertida, cobrindo a cavidade escavada na rocha, continha no seu interior ossos de uma ave, possivelmente de uma galinha. Esta ocorrência foi interpretada como uma oferenda religiosa associada a um ritual propiciatório (Barata 1999: 56-57) ocorrido na segunda fase (Sousa 2018: 93-96). A este propósito, devemos salientar a existência de outros rituais semelhantes na cidade, nomeadamente no edifício conhecido como “Templo Céltico” (Biers *et alii* 1982: 39-43) e na Construção 2 (Barata 1999: 61), ambos de função, ainda, algo incerta, embora no primeiro caso eminentemente habitacional, como referido *supra*.

Por outro lado, no caso vertente, a presença de pingos de fundição em liga de cobre e a relativamente abundante escória em alguns ambientes, associada ao período decorrido desde o segundo abandono do edifício, algures no primeiro quartel do século IV d.C. e o abandono definitivo do espaço nos meados desse século, permite-nos compreender a sua função nesse período, indiciando uma possível actividade metalúrgica tardo-romana (Sousa 2018: 38-41).

#### 4. EM GUIA DE CONCLUSÃO

*Mirobriga* constitui um caso paradigmático para o estudo da arquitectura habitacional da *Lusitania* romana. Dotada de uma vasta área habitacional, em particular tendo em consideração a planta urbana por ora conhecida, o seu urbanismo é, no entanto, esparso, adaptado a uma topografia urbana que teve aparentes dificuldades em libertar-se dos constrangimentos topográficos da posição do povoado sidérico que a precede.

Contudo, estamos ainda longe de perceber os verdadeiros contornos tipológicos e cronológicos deste processo urbanístico: se por um lado, a vasta zona aplanada que intermedeia a cidade conhecida e o circo pode albergar sectores urbanos até hoje não diagnosticados, sendo por isso uma mera hipótese de trabalho; por outro lado, as soluções arquitectónicas das habitações revelam-se maioritariamente simplistas nas técnicas e planimetrias. Na verdade, *Mirobriga* parece dotada sobretudo de pequenas *domus* de peristilo, sendo desconhecidos exemplos de *insulae*. São poucos os exemplares de pintura a fresco conservados, nomeadamente na Casa da Hospedaria, Casa do Fresco e Casa 6, sendo que, até ao momento nenhum dado musivário foi detectado na cidade, contribuindo para esta visão simplista da arquitectura residencial de *Mirobriga*.

Nas análises levadas cabo nas últimas duas décadas por um dos signatários (JCQ) tentou-se estruturar uma linha de investigação, em arquitectura habitacional romana imperial, relacionada com estímulos paleo-ambientais nos séculos III/IV d.C. (em particular nos finais do século III, no tocante ao SW peninsular) que poderão ter influenciado (sendo prematuro saber em que extensão) as opções arquitectónicas residenciais.

A investigação dos últimos anos, levada a cabo no seio do projecto *TabMir* (sob direcção científica de um dos signatários: JCQ), bem como a correlativa promoção de teses de mestrado no programa da NOVA/FCSH, permitiu novos avanços metodológicos e epistemológicos na investigação do urbanismo deste sítio. O presente artigo visou exactamente demonstrar a complexidade de análise que contextos habitacionais podem proporcionar, em particular no que respeita às classificações de funcionalidades dos espaços.

Este aspecto torna-se particularmente interessante em cidades marcadas por modulações simples de edifícios residenciais, onde os paradigmas tipológicos podem levantar novas hipóteses interpretativas, relacionadas com funcionalidades cumulativas ou alternantes de cariz artesanal. Aliás, e como nota final, num ou em vários dos sectores de *tabernae* em actual escavação pelo *TabMir*, parece existir um hipotético processo homólogo: a reconversão de espaços comerciais em habitacionais, tanto no período tardo-romano como visigótico.

## BIBLIOGRAFIA

- BARATA, M. 1999: “As habitações de *Mirobrigae* os ritos domésticos romanos”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2. 2: 51-68.
- BARATA, M. F. 1997: *Miróbriga. Urbanismo e arquitectura*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1997.
- BELTRÁN, M. 2003: “La casa hispanorromana. Modelos”, *Bolskan*, 20: 13-63.
- BIERS, W.; BIERS, J.; SOREN, D. 1982: “Excavations at Mirobriga: the 1982 season”, *MUSE*, 16: 29-43.
- BIERS, W., SLANE, K. e SOREN, D. 1983: “*Mirobriga*: the 1983 Season”. *Muse*. 17: 38-63.
- CORTÉS, A. 2018: “The Roman houses of Flavian *Mirobriga* and their evolution. A first approximation of the archaeological remains”, In TEICHNER, Félix (Ed.), *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*, Marburg: 148-155.
- FABIÃO, C. 1998: *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição Policopiada.
- FELÍCIO, C. 2019: *Gestão de Resíduos em Mirobriga – O Sistema de Saneamento (séculos I-IV d.C.)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- HAYES, J. W. 1972: *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- KOPF, J. 2018a: “Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 5”, In TEICHNER, Félix (Ed.), *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*, Marburg: 58-91.
- KOPF, J. 2018b: “Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 6”, In TEICHNER, Félix (Ed.), *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*, Marburg: 92-108.
- OBERHOFER, K. 2018a: “Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 7”, In TEICHNER, Félix (Ed.), *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*, Marburg: 109-127.
- OBERHOFER, K. 2018b: “Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 8”, In TEICHNER, Félix (Ed.), *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*, Marburg: 128-147.
- PINTO, I. 2003: *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa.
- QUARESMA, J. C. 1999: “*Terra sigillata* africana D e foceense tardia das escavações recentes de *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2. 2: 69-82.
- QUARESMA, J. C. 2003: *Terra Sigillata Sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*. 30).

- QUARESMA, J. C. 2012: *Economia Antiga a partir de um centro de consumo Lusitano*. UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Estudos e Memórias* 4).
- QUARESMA, J. C. 2017: « Quinta da Bolacha (Amadora, Lisbonne): la céramique de la villa (dernier tiers du IIIe s. au premier quart du VIe s.) ». In DIXNEUF, D., ed. : *LRCW 5. 5th International Conference on Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry. 6-10<sup>th</sup> April. Alexandria*, Centres d'Études Aléxandrines: 43-89.
- ROSÁRIO, M., DUARTE, F. e MACIEL, M. J. 2002: "Levantamento e leitura iconográfica dos frescos romanos de Miróbriga visíveis *in situ* no ano 2000". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 42. 1-2: 165-191.
- SOUSA, F. 2018: *A Casa da Calçada, Mirobriga. Diacronia de um Edifício Habitacional de Época Romana (Séculos I a IV d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- TEICHNER, F. 2006: „Romanisierung und keltische Resistenz? Die “kleinen” Städte im Nordwesten Hispaniens“. In WALDE, E. e KAINRATH, B. (eds.): *Die selbstdarstellung der römischen Gesellschaft in den Provinzen im Spiegel der Steindenkmäler. Akten des IX. Internationalen Kolloquiums über Probleme des Provinzialrömischen Kunstschaffens. Innsbruck. 2005*. Innsbruck University Press (*IKARUS* 2): 335-348.
- TEICHNER, Félix (Ed.) 2018: *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*, Marburg (*Kleine Schriften aus dem Vorgeshichtlichen Seminar Marburg* 62).